

Reimaginando Identidades: Feminismo Lésbico e Teoria Queer em perspectiva

Reimagining Identities: Lesbian Feminism and Queer Theory in perspective

Letícia Sanches Rezende

Graduada em Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de Minas. E-mail: leticiasanchesr@gmail.com

 0009-0008-8050-1433

Rodrigo Corrêa Teixeira

Doutor em Geografia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: rteixeira@pucminas.br.

 0000-0001-5939-9595

Resumo

A Teoria Queer se configura como um movimento acadêmico, político e social que visa, principalmente, contestar as categorias normativas de gênero e sexualidade. Uma de suas principais influências é o movimento feminista, especialmente o feminismo lésbico, devido à criação de novos conceitos acerca do gênero. Dessa forma, a partir de uma revisão bibliográfica, este artigo objetiva oferecer uma perspectiva crítica das conexões e divergências entre o feminismo lésbico e a Teoria Queer.

Palavras-chave: feminismo lésbico; Teoria Queer; feminismo.

Abstract

Queer Theory is an academic, political and social movement that aims, primarily, to challenge the normative categories of gender and sexuality. One of its main influences is feminism, especially lesbian feminism, due to its creation of new concepts regarding gender. Thus, based on a bibliographic review, this article aims to offer a critical perspective on the connections and divergences between lesbian feminism and Queer Theory.

Keywords: lesbian feminism; Queer Theory; feminism

DOI: 10.18616/rdsd.v10i2.9077

Recebido: 19/07/2024

Aprovado: 30/10/2024

1. Introdução

A Teoria Queer é um movimento que visa desestabilizar a ordem social baseada na hierarquização identitária de gênero e de sexualidade, contestando as categorias normativas, tanto no plano acadêmico, quanto político-social (Goldberg, 2017). Segundo Pelúcio, a Teoria Queer representa "uma resposta atrevida das pessoas marginalizadas por uma ordem regulatória dos corpos, das sexualidades e assim também das subjetividades" (2014, p. 28). Caracterizada pela sua natureza contestatória e subversiva, a Teoria Queer não oferece uma única visão ou proposição acadêmica, mas sim uma coleção de pontos de vista e de teorias críticas que investigam as relações de poder construídas pelo controle e pela categorização de corpos e de desejos sexuais. O objetivo do Queer é iluminar as contradições nos conceitos aparentemente estáveis e naturais de gênero e de sexualidade, desnaturalizando-os e problematizando as interpretações da realidade produzidas a partir desses conceitos (Santos, 2006).

A genealogia da Teoria Queer é complexa, representando a convergência de uma série de movimentos acadêmicos e sociais que pensavam questões de gênero, de sexualidade, de corporeidade, de raça, entre outros aspectos. McCann e Monaghan (2020) comparam a Teoria Queer a um "um funil através do qual vários baldes de teoria, de ativismo e de textos culturais são derramados"¹ (p. 6-7, tradução nossa). Dentre estas influências, destacam-se o pensamento pós-estruturalista, os trabalhos sobre a história da sexualidade de Michel Foucault; os Estudos Gays e Lésbicos e a teoria e o ativismo do movimento feminista. Socialmente, o ativismo LGBTQ+ durante a crise da AIDS nos Estados Unidos, nas décadas de 1980 e 1990, também foi de grande importância. A crise destacou a negligência e a marginalização sistêmica enfrentadas por indivíduos LGBTQ+, levando a uma reavaliação das construções em torno da identidade sexual. Essa mudança foi além da mera inclusão de perspectivas LGBTQ+ no discurso convencional. As críticas às mais normas e estruturas de poder que governam a sexualidade foram intensificadas, desafiando as limitações da política de identidade tradicional. Assim, foi reforçada a necessidade de uma abordagem interseccional e crítica para entender as identidades sexuais e de gênero, culminando na emergência da Teoria Queer. (Rosenberg, 2008).

O feminismo se configura como uma das raízes da Teoria Queer, visto que as perspectivas feministas sobre gênero, sexo e sexualidade que influenciaram o pensamento queer atual, seja de forma direta ou indireta, tiveram sua concepção em círculos feministas de ativismo e pesquisa. Muitos dos conceitos utilizados por este novo grupo de teóricos e dos paradigmas investigados tiveram sua origem no feminismo, como a diferenciação e a desconstrução dos conceitos de sexo e gênero. Mesmo as críticas às ativistas feministas feitas por teóricos queer forma essenciais para a formação do campo (McCann & Monaghan, 2020). Dentre as vertentes do feminismo que influenciaram de maneira mais

¹ *a funnel through which several buckets of theory, activism and cultural texts are poured.*

significativa a Teoria Queer, tem-se o feminismo lésbico, surgido no período da Segunda Onda feminista. O feminismo lésbico critica a heterossexualidade presumida das ativistas feministas, dando protagonismo às questões das mulheres lésbicas dentro do movimento feminista e sugerindo novas formas de resistência ao patriarcado centradas na vivência lésbica (Jagose, 2009; Calhoun, 1994).

Dessa maneira, este artigo busca sistematizar as influências do feminismo lésbico na construção do pensamento queer. Para este fim, será realizada uma revisão bibliográfica de artigos, livros e publicações em revistas científicas que tratem do relacionamento, das influências e das discordâncias entre os dois movimentos. São mobilizadas obras centrais para a compreensão dos movimentos queer e feminista lésbico, visto que estabeleceram fundamentos críticos e são amplamente citadas na literatura sobre ambos os movimentos.

Divide-se, assim, este artigo em quatro seções: primeiramente, uma breve história do movimento feminista e uma contextualização do surgimento do feminismo lésbico. Segundamente, explora-se o ativismo feminista lésbico, com destaque especial para as décadas de 1970 e 1980, os principais pilares e críticas tecidas pelo movimento. Em terceiro lugar, é explicitado de que maneira as ideias, conceitos e divergências do feminismo lésbico influenciaram o surgimento da Teoria Queer, com ênfase para os trabalhos de Gayle Rubin (2006), Judith Butler (1997, 2003) e Eve Kosofsky Sedgwick (1990, 2005). A escolha das autoras decorre de suas contribuições notáveis para o surgimento da Teoria Queer, em particular no que diz respeito ao diálogo com o feminismo (McCann & Monaghan, 2020). Conclui-se o artigo, por fim, com uma consideração sobre os estados atuais dos feminismos, especialmente a vertente do feminismo lésbico, e suas interações com a Teoria Queer. É evidenciado, também, o surgimento de novas vertentes feministas, em particular o transfeminismo e o feminismo queer, concebidas no século XXI e em diálogo direto com as críticas queer. Cabe destacar que os autores utilizados para discutir essas novas vertentes são, em sua maioria, oriundos do contexto norte-americano, onde esses movimentos emergiram e se desenvolveram primeiramente.

2. O surgimento do feminismo lésbico

A história do movimento feminista no Ocidente é um tópico de grande debate acadêmico entre as teóricas feministas. De acordo com Bittencourt (2015), não existe uma única linha temporal do ativismo feminista, mas sim uma interpretação histórica predominante. Esta corrente hegemônica classifica as eras do movimento feminista de acordo com determinadas reivindicações ou temáticas mais proeminentes em cada momento histórico, sobretudo de acordo com a ótica europeia e estadunidense.

Como forma de classificação, os distintos períodos identificados são chamados, por muitas autoras, de "ondas" do movimento feminista (Bittencourt, 2015). Temporalmente, a primeira onda tem seu início no século XIX, e perdura até as primeiras décadas do século

XX. Já a segunda onda é datada da década de 1960 a 1980. Em 1990, tem-se o início da terceira onda. Todavia, o fim desta era é controverso: para algumas autoras, este é o período em que o movimento feminista se encontra atualmente, enquanto outras argumentam que o advento da internet deu início a uma quarta onda. No momento, não existe uma resolução deste debate (Munro, 2013).

De maneira geral, identifica-se como ponto de partida do feminismo contemporâneo a Revolução Francesa, com a reivindicação dos direitos políticos como a maior matéria unificadora do período. Essa primeira fase do movimento é conhecida como a “primeira onda” feminista, caracterizada ainda pela dominância da ideologia liberal-burguesa e pela luta por entendimento mais abrangente de cidadania (Gurgel, 2010). Bittencourt (2015) aponta que a primeira onda é marcada pelo enfoque nas mulheres brancas de classe média, promovendo uma igualdade formal que pouco alterava a estrutura patriarcal existente. As pautas defendidas, embora significativas, estavam principalmente voltadas para demandas generalizadas de igualdade legal e acesso a oportunidades que beneficiavam diretamente esse grupo específico.

A segunda onda, com seu início na década de 1960, tem a questão da identidade ocupando um lugar de destaque na agenda feminista. A partir desse momento, surgiram críticas dentro movimento feminista ao caráter burguês-liberal previamente adotado. Foram introduzidos recortes de classe, raça e orientação sexual. Passaram a ser abordadas, portanto, as relações de poder e as opressões estruturais que transcendem o gênero. A formulação do conceito “o pessoal é político” também foi marcante na segunda onda, introduzindo a ideia de que os espaços privados, não só as esferas públicas, são marcadas e determinadas pelo poder patriarcal (Bittencourt, 2015; Siegel, 2007). Nas palavras de Alison Jaggar (1983), “feministas anteriores utilizavam a linguagem de ‘direitos’ e ‘igualdade’, mas, no final da década de 1960, ‘opressão’ e ‘libertação’ se tornaram as palavras chave para os ativistas políticos nova esquerda”² (p. 5, tradução nossa).

Nesse cenário, ocorre uma cisão no seio do movimento feminista com o nascimento de diferentes correntes, cada uma com uma concepção particular acerca das estratégias e perspectivas teóricas necessárias para o avanço do movimento. É possível dividi-las em dois grandes grupos, denominados por Schneider e Pham (2017) de movimento pelos direitos das mulheres e o movimento pela libertação das mulheres.

O movimento pelos direitos das mulheres, nome dado por Schneider e Pham (2017) para a vertente em geral chamada de “feminismo liberal”, possuía como principal objetivo a reforma das estruturas políticas e econômicas existentes, de forma que estas proporcionassem participação social igualitária para as mulheres. A abordagem desta

² *Earlier feminists used the language of “rights” and “equality”, but in the late 1960s “oppression” and “liberation” became the key words for political activists of the new left.*

corrente priorizava a obtenção da igualdade formal, ou seja, reforma legislativa e criação de políticas públicas que pensassem o bem-estar das mulheres seriam as principais ações a serem tomadas (McCann & Monaghan, 2020; Schneider & Pham, 2017).

Já o movimento pela libertação das mulheres apresentava críticas a esta visão puramente formal de lutar contra a opressão das mulheres. Os ativistas deste grupo argumentavam que era necessário mais do que uma reforma das estruturas para a obtenção de igualdade, clamando por uma revolução que romperia radicalmente com a sociedade patriarcal. No entanto, dentro dessas circunstâncias, originaram-se vertentes distintas, visto que cada uma localizava uma fonte diferente para a opressão feminina. Dentre essas vertentes, é possível citar a socialista, que via o classismo como fonte; o feminismo radical, que argumentava que o patriarcado era a fonte de todas as desigualdades, não só a de gênero, mas também de classe, raça, etc; e o feminismo lésbico, que entendia a heterossexualidade como uma das principais maneiras de controlar as mulheres e manter a dominação masculina (Schneider & Pham, 2017).

3. O feminismo lésbico

Anteriormente aos anos 1970, a homossexualidade feminina era tratada como uma patologia ou completamente invisibilizada, inclusive dentro do movimento feminista. Nessa conjuntura, o feminismo lésbico surgiu como uma nova estrutura linguística, social e política para que as mulheres pudessem conceitualizar e expressar sua sexualidade. Esta corrente surge em um período no qual muitas ativistas feministas começaram a ter contato com o então chamado Movimento de Libertação Gay e, com este intercâmbio de ideias, passaram a inserir pautas sobre sexualidade e sexo em seu ativismo (Rudy, 2001; McCann & Monaghan, 2020; Ellis & Peel, 2011). No manifesto "*The Woman Identified Woman*", de 1970, o grupo ativista Radicalesbians escreve:

Até que as mulheres vejam umas nas outras a possibilidade de um comprometimento primitivo que inclui amor sexual, elas se negarão o amor e o valor que elas oferecem prontamente aos homens. [...] Também deve ser dito que algumas mulher mais novas e mais jovens começaram honestamente a discutir lesbianismo, mas até agora tem sido primordialmente como uma "alternativa" sexual aos homens. Isso, entretanto, ainda está dando primazia aos homens, tanto porque a ideia de se relacionar mais completamente com as mulheres ocorre como uma reação negativa aos homens, quanto porque o relacionamento lésbico está sendo caracterizado simplesmente pelo sexo, que é divisivo e machista. Em um nível, que é tanto pessoal quanto político, mulheres podem retirar as energias emocionais e sexuais dos homens e elaborar várias alternativas para essas energias em suas próprias vidas.³ (Radicalesbians, 1970, p. 2-3, tradução nossa)

³ *Until women see in each other the possibility of a primal commitment which includes sexual love, they will be denying themselves the love and value they readily accord to men, thus affirming their second-class status. [...] It should also be said that some younger, more radical women have honestly begun to discuss lesbianism, but so far it has been primarily as a sexual "alternative" to men. This, however, is still giving primacy to men, both because the idea of relating more completely to women occurs as a negative reaction to men, and because the lesbian*

O manifesto torna explícito o principal pilar do feminismo lésbico do período: o lesbianismo⁴ como ação política, ou seja, se relacionar com mulheres romântica e sexualmente como uma maneira de colocar em prática a ideologia de emancipação feminina. Esses relacionamentos se configurariam como uma maneira de resistir à ordem patriarcal, visto que a heterossexualidade era entendida como uma das maneiras de controlar as mulheres. A criação de uma "sexualidade da igualdade", na qual a igualdade de poder em um relacionamento entre mulheres fosse erotizada, era outro princípio vital do feminismo lésbico. Logo, passa-se a utilizar o termo "heteropatriarcado", enfatizando o papel de manutenção da opressão feminina exercido pelo sexo e pelas interações românticas. Ademais, defendia-se a ideia de que qualquer mulher poderia ser lésbica, com o lesbianismo sendo compreendido como uma escolha de resistência política, enfatizando o caráter não-fixo da sexualidade (Ellis & Peel, 2011, Jeffreys, 2003).

A teorização da heterossexualidade compulsória foi uma das grandes contribuições do ativismo feminista lésbico. A poeta e escritora Adrienne Rich (1980) é creditada como a criadora desse termo, em seu ensaio "Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica"⁵. Em seu texto, Rich argumenta que a heterossexualidade não é algo natural e predeterminado, mas sim um comportamento imposto às mulheres e que deve ser analisado como uma instituição política. Segundo a autora, "as mulheres foram convencidas de que o casamento e a orientação sexual direcionada aos homens são componentes inevitáveis de suas vidas, mesmo que sejam insatisfatórios ou opressivos"⁶ (Rich, 1980, p. 640, tradução nossa).

A heterossexualidade é promovida pela sociedade, pela família e pela cultura, doutrinando as mulheres a aceitarem a opressão e a violência. A busca pelo matrimônio leva inúmeras mulheres a situações intoleráveis, como casamentos arranjados, violência, humilhação no trabalho, maus-tratos e confinamento doméstico. Consequentemente, a heterossexualidade compulsória manteria as mulheres subservientes aos homens e às instituições patriarcais. Além disso, também anula a conexão entre mulheres e mina sua criatividade e energia, impossibilitando a resistência. Dentro deste sistema opressivo, a existência lésbica é invisibilizada, impedindo que as mulheres percebam o lesbianismo como uma alternativa viável à dominação patriarcal (Rich, 1980).

Segundo Jeffreys (2003), outra importante característica do feminismo lésbico é a

relationship is being characterized simply by sex, which is divisive and sexist. On one level, which is both personal and political, women may withdraw emotional and sexual energies from men, and work out various alternatives for those energies in their own lives.

⁴ Utiliza-se, neste artigo, o termo "lesbianismo" como tradução direta de "lesbianismo", termo utilizado pelas feministas lésbicas abordadas no artigo. No entanto, na atualidade, o termo mais aceito é "lesbianidade", visto que lesbianismo possui conotações médicas e patológicas.

⁵ No original em inglês, "Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence".

⁶ *women have been convinced that marriage, and sexual orientation toward men, are inevitable, even if unsatisfying or oppressive components of their lives.*

“ênfase na necessidade de algum grau de separação das políticas, das instituições e da cultura dos homens”⁷ (p. 22, tradução nossa). Segundo a autora, a violência enfrentada pelas mulheres está entranhada em todos os aspectos da vivência contemporânea. A religião, a medicina, as ciências sociais e a mídia, por exemplo, reproduzem e legitimam o papel feminino submisso. Portanto, somente seria possível criar ideias e práticas de libertação feminina por meio do separatismo da sociedade patriarcal.

Nesse contexto, as questões das mulheres lésbicas começaram a se tornar mais proeminentes dentro do movimento feminista. Contudo, determinadas feministas liberais discordavam da inclusão de pautas de mulheres lésbicas no movimento, argumentando que a conexão socialmente feita entre a homossexualidade e perversão/imoralidade seria prejudicial aos objetivos e à credibilidade da causa (Calhoun, 1994). Dessa forma, a fração liberal do movimento apelidou pejorativamente as feministas lésbicas de “ameaça lavanda”⁸ – sendo a criação do termo atribuída a Betty Friedman –, evidenciando o desdém com que a homossexualidade era tratada e a marginalização das mulheres lésbicas dentro do movimento. Nesse contexto de ostracismo e preconceito, as ativistas lésbicas acabam se afastando do movimento feminista dominante. Elas criam seus próprios grupos, tanto de organização política, quanto de vivência comunal, focando no lesbianismo político como alternativa (McCann & Monaghan, 2020).

No anos 1980, o movimento feminista lésbico começou a ser duramente criticado, tanto por mulheres que estavam dentro desta corrente, quanto por pessoas de outras comunidades. Mulheres bissexuais, por exemplo, eram excluídas, visto que eram vistas como uma ameaça para o projeto do feminismo lésbico. Nas palavras de McCann e Monaghan (2020), “alguns grupos feministas lésbicos pensavam que mulheres bissexuais se aproveitavam dos prazeres da cultura lésbica, mas não queriam abrir mão do privilégio heterossexual”⁹ (p. 64, tradução nossa). Assim, elas começaram a formar seus próprios grupos ativistas, efetivamente cortando relações com o lesbianismo político. Além disso, elas denunciaram o monossexismo promovido pelo movimento, ou seja, o reforço do binarismo heterossexual/homossexual e a recusa do engajamento com qualquer outra possibilidade de expressão sexual. Para mais, mulheres trans enfrentavam forte hostilidade, chegando até mesmo a serem expulsas de conferências sobre lesbianismo político. Mulheres negras também expressaram fortes divergências, devido à preferência dada para mulheres brancas e de classe média no movimento, em detrimento das vozes advindas de outros grupos raciais e classes sociais (Ellis & Peel, 2011; McCann & Monaghan, 2020).

⁷ *emphasis on the need for some degree of separation from the politics, institutions and culture of men.*

⁸ Em inglês, “*lavender menace*”.

⁹ *Some lesbian feminist groups thought that bisexual women enjoyed the pleasures of lesbian culture but were unwilling to give up their heterosexual privilege.*

4. A virada queer

As ideias do feminismo lésbico foram grandes influenciadoras da Teoria Queer. A teorização da categoria de sexualidade, a politização das sexualidades não normativas, a desnaturalização da heterossexualidade, o pensamento do heterossexismo enquanto sistema de opressão e a fluidez das categorias de sexualidade e de gênero são todos pontos em comum entre a Teoria Queer e o feminismo lésbico (Radicalesbians, 1970; McCann & Monaghan, 2020; Calhoun, 1994). Segundo Jagose (1996), “o queer também é fundamentado produtivamente pelo feminismo lésbico em três aspectos cruciais: a sua atenção à especificidade do gênero, o seu enquadramento da sexualidade como institucional e não pessoal, e a sua crítica à heterossexualidade compulsória”¹⁰ (p. 57, tradução nossa). Nesse contexto, a diferença mais amplamente reconhecida entre o feminismo e a Teoria Queer é seu objeto de estudo, com o feminismo se ocupando do gênero e o queer analisando sexo e sexualidade (Jagose, 2009).

Nas discussões da Teoria Queer, o conceito de heterossexualidade compulsória criado por Rich (1980) foi expandido. Enquanto Rich possuía uma preocupação específica sobre como a heterossexualidade é imposta às mulheres e como isso afeta as lésbicas, teóricos queer passaram a pensar como este conceito poderia ser aplicado a outras minorias sexuais, tais como homens gays e indivíduos bissexuais. Em vista disso, a centralidade das especificidades de gênero são efetivamente abandonadas nestas análises (McCann & Monaghan, 2020). Para mais, Seidman (2020) destaca que a Teoria Queer adiciona nuances à perspectiva da heterossexualidade compulsória ao examinar as estratégias discursivas de perpetuação e de objeção a este paradigma. A perspectiva queer vai além das críticas feministas lésbicas de representação contra expressão e visibilidade contra a invisibilidade. A instabilidade e as contradições do sistema heterossexual se tornam centrais para a Teoria Queer, destacando a agência do sujeito frente ao sistema. Em outras palavras, o queer foca na capacidade dos indivíduos de influenciar e de mudar os significados normativos em espaços de resistência. Em consonância com estas mudanças de paradigma, o termo “heteronormatividade compulsória” é substituído muitas vezes por “heteronormatividade” ou “normatividade heterossexual”.

A separação das feministas lésbicas do movimento feminista dominante também produziu diversos escritos acadêmicos relevantes seminais para a Teoria Queer. Um dos mais emblemáticos é o artigo “Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade” de Gayle Rubin, publicado pela primeira vez em 1984. No texto, Rubin (2006) argumenta que ambos o gênero e a sexualidade são políticos, socialmente construídos, e parte de um sistema de poder “que recompensa e incentiva alguns indivíduos

¹⁰ *Queer is also productively informed by lesbian feminism in three crucial respects: its attention to the specificity of gender, its framing of sexuality as institutional rather than personal, and its critique of compulsory heterosexuality.*

e atividades, enquanto pune e reprime outros”¹¹ (Rubin, 2006, p. 180, tradução nossa). A autora delinea as formas de expressão sexual que são consideradas como normativas, morais e universais, em oposição àquelas vistas como desviantes, imorais e oprimidas em um sistema de injustiça sexual. Entre as expressões sexuais não-normativas, Rubin cita a homossexualidade, o sadomasoquismo, a prostituição, sexo transgeracional, voyeurismo, entre outros. Nesse sentido, Rubin conclui que é necessária uma teoria que seja capaz de compreender o sistema de opressão sexual e seu dinamismo próprio, seus efeitos políticos, sociais e psicológicos (Rubin, 2006).

A partir disso, Jagose (2009) destaca que, para Rubin, “o feminismo não deve ser o discurso padrão para pensar sobre as ‘dimensões políticas da vida erótica’”¹² (p. 164, tradução nossa). As expressões sexuais dissidentes identificadas por Rubin não são somente definidas em termo de gênero, demonstrando a necessidade de uma perspectiva diferente daquela trazida pelo ativismo feminista. Rubin, assim, abre o caminho para a Teoria Queer se estabelecer enquanto uma teorizadora das questões sobre a sexualidade que não eram contempladas nos estudos e ativismo feministas. Dessa maneira, o ensaio “Pensando o Sexo” é considerado um dos marcos no surgimento da Teoria Queer.

Eve Kosofsky Sedgwick (1990, 2005) se respalda nos argumentos de Rubin (2006), argumentando, de forma similar, a necessidade da criação de um campo de estudo que analisasse a sexualidade para além do feminismo. Em “A Epistemologia do Armário”, livro considerado uma das obras inaugurais da Teoria Queer, Sedgwick (1990) escreve: “a questão de gênero e a questão da sexualidade, embora sejam inextricáveis uma da outra, já que cada uma só pode ser expressa nos termos da outra, não são, no entanto, a mesma questão”¹³ (p. 30, tradução nossa). Nessa perspectiva, defende-se a criação de uma teoria que se baseie no questionamento das interações entre corpos, desejos e sexo, sendo o gênero apenas marginal nesta equação. A autora destaca que o gênero do objeto de desejo é apenas uma entre as muitas dimensões da sexualidade, citando o público/privado, comercial/não-comercial e humano/animal como outros aspectos que vão além do binarismo hétero/homossexual.

Sedgwick (2005) utiliza a palavra “queer” pela primeira vez em seu livro “Tendencies”, inicialmente publicado em 1993. A autora define o queer como “a rede aberta de possibilidades, lacunas, sobreposições, dissonâncias e ressonâncias, lapsos e excessos de significado quando os elementos constitutivos do gênero ou da sexualidade de alguém não são feitos (ou não podem ser feitos) para significar monoliticamente”¹⁴ (Sedgwick, 2005, p.

¹¹ *which reward and encourage some individuals and activities, while punishing and suppressing others.*

¹² *feminism ought not be the default discourse for thinking about ‘the political dimensions of erotic life’.*

¹³ *the question of gender and the question of sexuality, inextricable from one another though they are in that each can be expressed only in the terms of the other, are nonetheless not the same question.*

¹⁴ *the open mesh of possibilities, gaps, overlaps, dissonances and resonances, lapses and excesses of meaning when the constituent elements of anyone’s gender, of anyone’s sexuality aren’t made (or can’t be made) to signify*

7, tradução nossa). Sedgwick reconhece que ela utiliza, em seu livro, o termo como maneira de descrever atrações homossexuais. Entretanto, ela ressalta que “queer” também pode e vem sendo utilizado com significados para além da sexualidade, descrevendo, por exemplo, experiências com migração, raça, etnicidade e outras constituições fraturadas e contestadas no campo identitário. Sedgwick apresenta o queer como um termo inerentemente ligado à posicionalidade e individualidade daqueles que utilizam o termo, como uma forma radical de auto-identificação: “o uso de ‘queer’ por alguém sobre si mesmo tem um significado diferente de seu uso para se referir a outra pessoa [...] [e] parece depender de forma muito mais radical e explícita dos atos performativos particulares de autopercepção experimental e filiação de uma pessoa”¹⁵ (Sedgwick, 2005, p. 8, tradução nossa).

McCann e Monaghan (2020) identificam como a principal contribuição de Sedgwick (1990, 2005) para a Teoria Queer sua metodologia. Inspirada pela desconstrução proposta pelos pós-estruturalistas franceses, Sedgwick elabora uma metodologia desconstrutiva que problematiza desejo, sexualidade e corporeidade e como estas questões são definidas pela cultura Ocidental. Ela questiona as suposições sobre a estabilidade da identidade sexual e como a linguagem define a dicotomia entre homo e heterossexualidade. O queer de Sedgwick é uma maneira de pensar além das fronteiras do que é considerado “normal”, com o objetivo é desestabilizar binarismos monolíticos e colocar em evidência todas as formas de marginalidade sexual.

Outro nome emblemático que teorizou sobre as afinidades e rompimentos entre a Teoria Queer e o feminismo foi Judith Butler. Butler (1997, 2003) é considerada uma autora seminal e canônica para a Teoria Queer, e seu livro “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade”, de 1990, foi publicado antes que a Teoria Queer se estabelecesse de maneira sólida no contexto acadêmico, nas mesmas circunstâncias que “A Epistemologia do Armário” de Sedgwick (1990). No livro, Butler questiona o gênero enquanto categoria sólida e binária, apontando a performatividade das expressões de gênero. Nas palavras de McCann e Monaghan (2020), a ideia de performatividade de gênero de Butler pode ser vista como “a repetição de atos através do tempo em um contexto social pré-determinado, o que faz o gênero aparentar natural e inato” (McCann & Monaghan, 2020, p. 119, tradução nossa). A abordagem pós-estruturalista de Butler busca interrogar e desconstruir as relações aparentemente naturais entre sexo, gênero e sexualidade, apontando a importância do papel da linguagem e da repetição de performances/rituais para tais construções. Segundo a autora, as categorias de gênero “homem” e “mulher” não são inatas e estáveis, mas sim construções sociais que dependem da sua repetida afirmação e interpretação pelos seres

monolithically.

¹⁵ *anyone’s use of “queer” about themselves means differently from their use of it about someone else. [...] [and it] seems to hinge much more radically and explicitly on a person’s undertaking particular, performative acts of experimental self-perception and filiation.*

humanos para continuarem existindo.

Nesse sentido, uma das grandes críticas de Butler à teoria feminista é de que o próprio objeto do feminismo – as “mulheres” – é falho, já que pressupõe uma binaridade de gênero irreal e, por extensão, apresenta postulados heterossexistas/heteronormativos. Contudo, ao mesmo tempo, Butler critica a redução do feminismo a somente os “estudos sobre as mulheres”, visto que isso ignora a longa história feminista de pensar questões relacionadas ao sexo e à sexualidade. Ela afirma que uma divisão rígida entre gênero e sexualidade dificulta a exploração de como a regulação da sexualidade está intimamente ligada ao gênero, sugerindo que a imposição da heterossexualidade é o principal fator que sustenta a binaridade do gênero (Butler, 1997, 2003).

Judith Butler foi extremamente influente no pensamento queer, em especial na inepção da Teoria Queer, nos anos 1990, mas ainda é possível ver a herança deixada pela autora na Teoria Queer contemporânea. A metodologia queer, em especial, possui grandes legados de Butler e de seu pós-estruturalismo, buscando demonstrar os momentos de fluidez e instabilidade de conceitos aparentemente naturais; constantemente questionando binarismos e a estabilidade das categorias identitárias. Seu trabalho impactou profundamente o pensamento acadêmico no que concerne gênero, sexualidade e sexo, criando muitos dos princípios e conceitos que hoje guiam a produção acadêmica da Teoria Queer (McCann & Monaghan, 2020)

5. Encontros e desencontros entre o feminismo e a Teoria Queer na atualidade

A interação entre a Teoria Queer e o feminismo não parou na inepção desta nova corrente de pensamento. Após o estabelecimento do queer como disciplina acadêmica e forma de ativismo, os embates, alianças e influência mútua se seguiram, perdurando na atualidade. Nas palavras de Weed (1997),

A Teoria Queer [...] reconheceu suas dívidas intelectuais para com a teoria feminista e os estudos de gênero, da mesma forma que a teoria feminista tem reconhecido a influência da Teoria Queer. Para muitos na academia, o feminismo e a Teoria Queer são mais facilmente compreendidos como dois galhos da mesma árvore familiar de conhecimento e de políticas [...].¹⁶ (Weed, 1997, p. VII, tradução nossa)

Munro (2013) aponta que a terceira onda do feminismo foi fortemente influenciada pela Teoria Queer, tendo seu ponto de partida nos anos 1990. Neste período, foram estabelecidas críticas ao caráter monolítico do ativismo feminista da segunda onda. É destacada, portanto, a falta de inclusão em relação a mulheres de diferentes classes sociais, orientações sexuais e grupos étnicos e raciais. Emerge, assim, o conceito da

¹⁶ *Queer theory [...] has acknowledged its intellectual debts to feminist theory and women's studies, just as feminist theory has recognized the influence of queer theory. For many in the academy, feminism and queer theory are most easily understood as two branches of the same family tree of knowledge and politics [...].*

interseccionalidade no ativismo feminista, criado pela feminista negra Kimberlé Crenshaw (1989). Esta abordagem se caracteriza por reconhecer os múltiplos sistemas de opressão enfrentados pelas mulheres e suas interações na construção de uma teia complexa de identidades, desigualdades e realidades (Bilge, 2010; Bittencourt, 2015).

Ademais, as feministas da terceira onda priorizam a ação em detrimento do fazer teórico, rejeitando o “feminismo acadêmico”. Ao mesmo tempo, existe uma grande interface entre estas ativistas e o pensamento pós-moderno e pós-estruturalista, incluindo a Teoria Queer. Snyder (2007) ressalta que este diálogo é particularmente visível nas críticas à categoria rígida e aparentemente estável de “mulher”. A desestabilização do gênero enquanto algo imutável e natural se configura como um dos principais objetivos da terceira onda. Em consonância com isso, Munford (2006) aponta que estas feministas aderem, em seu ativismo, às noções de contraditoriedade, multiplicidade e ambiguidade e à ideia da fluidez da sexualidade e do gênero.

Logo, é perceptível a influência da Teoria Queer e das teorias de Rubin (2006), Butler (1997, 2003) e Sedgwick (1990, 2005) anteriormente apresentadas. Em um plano prático, a incorporação deste pensamento no ativismo feminista se traduziu na inclusão de mulheres fora do padrão branco, heterossexual, cisgênero e de classe média majoritariamente visto durante a segunda onda, apoiado pela adoção do conceito de interseccionalidade. Nesse contexto, desenvolveu-se uma vertente proeminente no ativismo feminista contemporâneo: o transfeminismo (Munro, 2013).

O transfeminismo tem como propósito articular, organizar e centrar as perspectivas de mulheres trans dentro da teoria e ativismo feminista. De acordo com Bettray (2020), o transfeminismo pode ser conceitualizado como uma junção entre a Teoria Queer e os Estudos Transgênero, surgindo para dar luz a um dos grupos mais excluídos dentro do movimento feminista: pessoas transgênero, transsexuais e travestis. Em seu “Manifesto Transfeminista”¹⁷, Emi Koyama (2003) escreve

O transfeminismo é primariamente um movimento por e para mulheres trans que veem sua libertação como intrinsecamente ligada à libertação de todas as mulheres e além [...]. O transfeminismo não se trata de assumir o controle das instituições feministas existentes. Em vez disso, ele estende e avança o feminismo como um todo por meio da nossa própria libertação e trabalho de coalizão com todos os outros. Ele defende tanto as mulheres trans quanto as não trans, e pede que as mulheres não trans defendam as mulheres trans em troca. Transfeminismo incorpora a política de coalizão feminista na qual mulheres de diferentes origens se defendem mutuamente, porque se não defendermos umas às outras, ninguém o fará.¹⁸ (Koyama, 2003, p. 245, tradução nossa)

¹⁷ No original em inglês, *The Transfeminist Manifesto*.

¹⁸ *Transfeminism is primarily a movement by and for trans women who view their liberation to be intrinsically linked to the liberation of all women and beyond [...]. Transfeminism is not about taking over existing feminist institutions. Instead, it extends and advances feminism as a whole through our own liberation and coalition work with all others. It stands up for trans and non-trans women alike, and asks non-trans women to stand up for trans*

Apesar de suas origens ligadas à Teoria Queer, o transfeminismo tece, também, uma série de críticas a esta abordagem. Em contraste com a abordagem totalmente maleável do gênero apresentada pela Teoria Queer, o transfeminismo foca em uma aceitação radical de todas as categorias de gênero, “incluindo aqueles que surgem pela demanda de aniquilar a binaridade de gênero heterossexual normativa da feminilidade e da masculinidade”¹⁹ (Bettray, 2020). Ao mesmo tempo, promove uma reconsideração positiva e criativa das categorias de gênero já existentes, como “homem” e “mulher”.

A crítica se estende também à perspectiva branca e anglo-saxã da Teoria Queer. O transfeminismo busca caminhos mais concretos para a produção política, percebendo o queer como demasiado abstrato. Com ênfase na interseccionalidade – sobretudo pensando em etnicidade, raça e deficiência –, objetiva-se pensar no corpo como um local de resistência. Destaca-se, desse modo, a produção transfeminista transnacional e fora do eixo anglófono, como no Brasil, na Espanha e na França (Espineira & Boursier, 2016; Passos & Simakawa, 2022).

No entanto, como descrito por Bittencourt (2015), não existe um único “feminismo”, mas sim “feminismos”, destacando a multiplicidade de pontos de vista do movimento. É relevante destacar que, atualmente uma parcela significativa de ativistas feministas, principalmente as feministas radicais, apresenta comportamentos discriminatórios em relação à presença de mulheres trans dentro do movimento (Munro, 2013). Pearce, Erikainen e Vincent (2020) citam o termo “feminista radical transexcludente”²⁰ (TERF, acrônimo em inglês) para designar este comportamento.

Em relação ao feminismo lésbico, o contato entre este e a Teoria Queer também permanece frequente e significativo. Notavelmente, feministas lésbicas do século XXI tem como principal ponto de contenção com a Teoria Queer o apagamento de mulheres lésbicas. De acordo com diversas autoras (Jeffreys, 2003; Walters, 2005; Ellis & Peel, 2011; Mishali, 2014; Escudero-Alías, 2022), o movimento queer supostamente inclusivo ignora os problemas específicos de mulheres lésbicas, favorecendo, acima de todos, homens gays. Ademais, argumenta-se que os problemas das lésbicas são fundamentalmente diferentes das outras identidades abarcadas no guarda-chuva queer. Jeffreys (2003) explicita que identidades bissexuais e transsexuais são criticadas por feministas lésbicas por serem contrários ao interesses desta vertente. A crítica de Jeffreys se estendendo ao agrupamento indiscriminando de lésbicas com homens gays, visto que, segundo ela, a tentativa de uma palavra em comum para ambos os grupos – “homossexualidade” – rapidamente passou a ser utilizada para se referir somente aos homens, havendo, assim, um precedente para a

women in return. Transfeminism embodies feminist coalition politics in which women from different backgrounds stand up for each other, because if we do not stand for each other, nobody will.

¹⁹ including ones arising from the demand to annihilate the normative binary heterosexual gender of femininity and masculinity

²⁰ No original em inglês, *Trans-Exclusionary Radical Feminist*.

exclusão das lésbicas nas tentativas de utilização de uma linguagem inclusiva

Nessa perspectiva, Mishali (2014) amplia a análise de Jeffreys e aponta que o queer ignora não só a identidade lésbica, mas também as mulheres e tudo aquilo ligado ao feminino. A autora argumenta que a tentativa da Teoria Queer de focar no sexo e na sexualidade e de categorizar o gênero como um objeto secundário significou, na prática, uma despolitização da teoria e uma marginalização do feminino. Isso força, segundo Mishali, as mulheres, em especial lésbicas, a escolherem entre serem feministas ou serem queer. Nesse sentido, traça-se um paralelo entre as falhas do feminismo lésbico dos anos 1970 e da Teoria Queer:

Pode ser argumentado que, enquanto tanto o feminismo lésbico quanto o feminismo radical se formaram em torno de uma leitura política de *gênero* e um afastamento da *sexualidade* (considerando-a essencialmente masculina), o discurso queer se formou em torno de uma leitura performativa da *sexualidade* e um afastamento do *gênero* (imbuindo-lhe o feminino).²¹ (Mishali, 2014, p. 63, tradução nossa)

Por sua vez, Walters (2005) aponta que a Teoria Queer representa a história do feminismo, em especial o feminismo lésbico, de forma equivocada e revisionista, sendo retratado como um movimento monolítico, rígido, homofóbico e reacionário. Os debates sobre heterossexualidade compulsória e a política da sexualidade existente no feminismo lésbico são ignorados em benefício de um suposto pioneirismo da Teoria Queer em iluminar este objeto. Ao mesmo tempo, as feministas lésbicas seriam as responsáveis por reforçar a binariedade de gênero, promover transfobia, racismo e um separatismo excludente (Hord, 2020). Nesta representação da história, os pensadores pós-modernos, tais como Lacan, Derrida e Foucault, seriam os responsáveis por “salvar” as feministas lésbicas do seu pensamento equivocado, dando origem ao pensamento queer Walters (2005) destaca que todos estes pensadores são homens, promovendo ainda mais o apagamento das mulheres da Teoria Queer.

O feminismo lésbico, dessa maneira, é retratado como algo essencialista, retrógrado e restritivo, enquanto o queer seria o futuro, uma versão melhorada e progressista. Hord (2020) adverte quanto a esta representação anacrônica da história, destacando que este pensamento contribui para a alienação e discriminação das lésbicas. Ademais, isso torna impossível a inclusão das pautas de mulheres trans lésbicas e mulheres negras lésbicas, devido à associação inevitável do feminismo lésbico com o racismo e a transfobia.

Por outro lado, as feministas lésbicas também criticam a Teoria Queer quando se trata de questões raciais. Escudero-Alías (2022) denuncia a falta de autoras não-brancas no cânone da Teoria Queer. A autora adiciona ainda que, quando teóricas não-brancas são

²¹ *It can be argued that while both lesbian and radical feminisms formed around a political reading of gender and a move away from sexuality (viewing it as essentially masculine) the queer discourse formed around a performative reading of sexuality and a move away from gender (imbuing it with the feminine)*

incorporadas, seus escritos sobre raça são frequentemente ignorados, citando Audre Lorde (2007) e Gloria Anzaldúa (1987) como exemplos. Além disso, há a observação de que o termo queer é utilizado para criar uma falsa sensação de unidade que não considera as nuances das experiências de indivíduos de diferentes classes e raças. Embora o queer tenha a intenção de ser um termo guarda-chuva que engloba diversas identidades não-normativas de sexualidade e de gênero, na realidade, sua aplicação por estudiosos predominantemente brancos pode resultar na homogeneização de identidades e experiências diversas. Essa abordagem tende a priorizar as experiências e perspectivas de queers brancos, não conseguindo, assim, abordar ou representar adequadamente vivências interseccionais. Isso pode inadvertidamente reforçar o privilégio branco e acabar marginalizando aqueles que não se encaixam na narrativa dominante.

No entanto, muitos autores têm apontado as convergências entre o feminismo e a Teoria Queer. Huffer (2013) afirma que a binaridade entre o feminismo e a Teoria Queer e a divisão rígida de seus objetos de estudo – gênero como o objeto feminista e sexualidade como objeto queer – não são úteis nem politicamente, nem teoricamente. Segundo a autora, é necessário remendar as fissuras que os separam e criar novos caminhos para pensar o gênero, o sexo e a sexualidade. Huffer propõe o feminismo queer como alternativa, em consonância com outras autoras que não veem a separação entre o feminismo e a Teoria Queer como produtiva (Jagose, 2009; Marinucci, 2010; Wiegman, 2014; McBean, 2020). Segundo esta vertente não é necessário, como posto por Mishali (2013), escolher entre o feminismo e o queer: é possível reconciliar ambas as abordagens.

Marinucci (2010) define o feminismo queer como “a aplicação de noções queer de gênero, sexo e sexualidade ao objeto da teoria feminista, e a aplicação simultânea de noções feministas de gênero, sexo e sexualidade ao objeto da teoria queer”²² (p. 105, tradução nossa). Nesse sentido, Marinucci identifica que o feminismo atual está à procura de novas perspectivas e desenvolvimentos, com a Teoria Queer apresentando uma nova perspectiva crítica e apontando caminhos até então não explorados. Ao mesmo tempo, o enfoque da Teoria Queer em criticar hierarquias e binaridades pode ser útil para que a teoria feminista considere outras formas de opressão que não o gênero, tornando-se mais abrangente. A autora destaca que o feminismo tem um histórico de discriminação dentro do movimento em relação à indivíduos que não são heterossexuais e cisgênero, e a adição do elemento queer se torna útil para evitar tal acontecimento.

Da mesma maneira, o feminismo se apresenta como um complemento interessante para a Teoria Queer. Marinucci (2010) destaca que a Teoria Queer apresenta uma marginalização de vozes das mulheres; o feminismo, portanto, pode combater esta questão. A autora reconhece, também, que a junção dos termos “feminismo” e “queer” pode parecer

²² *the application of queer notions of gender, sex, and sexuality to the subject matter of feminist theory, and the simultaneous application of feminist notions of gender, sex, and sexuality to the subject matter of queer theory.*

paradoxal, visto que a teoria queer questiona a existência de categorias fixas de gênero e sexo, desafiando a realidade de conceitos como "feminino" e "masculino". Se tais categorias não são fixas, o feminismo, que se fundamenta na luta contra opressões de gênero, poderia aparentar uma perda de relevância. Contudo, adota-se deliberadamente o termo "feminismo queer", com consciência da ironia envolvida. Inspirado pelo pós-estruturalismo e pelo conceito de "essencialismo estratégico" de Spivak (1996), Marinucci defende que os significados de palavras e conceitos devem ser constantemente renegociados, uma vez que são estabelecidos em contextos opressivos. O essencialismo estratégico sugere que grupos com objetivos comuns podem se apresentar temporariamente como homogêneos para fins políticos, apesar de reconhecerem suas diferenças internas. Com o termo "feminismo queer", são evidenciadas as contradições intrínsecas ao conceito de feminismo, visto que, na sua tentativa de superar a desigualdade de gênero, a binaridade acaba sendo reforçada. Nas palavras da autora,

[...] o conceito de feminismo em si é queer, no sentido de ser 'questionável' ou 'suspeito', pois reforça o problema que tenta resolver. No entanto, manter o termo 'feminismo' lembra aos leitores que, apesar das intenções contrárias, o mundo continua a ser estruturado em termos binários, e as pessoas designadas como femininas frequentemente enfrentam desvantagens como resultado. Até que o 'feminismo' em 'feminismo queer' torne-se sem sentido por meio de significativas transformações linguísticas e conceituais, o 'feminismo' em 'feminismo queer' permanecerá relevante.²³ (Marinucci, 2010, p. 109, tradução nossa)

Por fim, Marinucci (2010) reconhece que ambas as teorias têm exibido formas de racismo e classismo. Uma abordagem multidisciplinar é uma estratégia para evitar esses problemas, na perspectiva da autora.

No entanto, o feminismo queer ainda está em desenvolvimento. McBean (2020) destaca questões pendentes sobre como integrar essas duas teorias. Segundo ela, o feminismo queer sugere superar a separação tradicional entre feminismo e Teoria Queer, que historicamente focaram em gênero e sexualidade, respectivamente. Além disso, é desafiada a visão de que a Teoria Queer é simplesmente uma evolução linear e progressista do feminismo. Para além destes dois pontos, porém, ainda é necessária maior consideração teórica sobre o projeto do feminismo queer. A brecha que separa estas duas teorias ainda é uma problemática que está longe de ser resolvida.

Referências bibliográficas

ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera**: The New Mestiza. São Francisco: Aunt Lute, 1987.

²³ [...] the concept of feminism is itself queer, in the sense of 'questionable' or 'suspicious', in that it reinforces the very problem it aims to resolve. Retaining 'feminism', however, reminds readers that, despite intentions to the contrary, the world just so happens to be structured in binary terms, and people assigned as female or feminine are often disadvantaged as a result. Until or unless the 'feminism' in 'queer feminism' is rendered meaningless through major linguistic and conceptual transformation, the 'feminism' in 'queer feminism' will remain relevant.

BETRAYER, U. Queer, Trans and Transfeminist Theories. In: NAPLES, Nancy A. (ed.). **Companion to Feminist Studies**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2021. p. 129-154.

BILGE, S. Recent Feminist Outlooks on Intersectionality. **Diogenes**, [S. l.], v. 57, n. 1, p. 58-72, 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0392192110374245>. Acesso em: 3 jul. 2024.

BITTENCOURT, N. A. Movimentos Feministas. **Revista InSURgência**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 19-201, jan./jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/18804>. Acesso em: 1 jun. 2024.

BUTLER, J. Against Proper Objects. In: WEED, Elizabeth; SCHOR, Naomi. **Feminism Meets Queer Theory**. Bloomington: Indiana University Press, 1997. p. 1-30.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALHOUN, C. Separating Lesbian Theory from Feminist Theory. **Ethics**, [S. l.], v. 104, n. 3, p. 558-581, abr. 1994. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2381979?seq=4#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 10 jun. 2024.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139-167. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 3 jul. 2024.

ELLIS, S. J.; PEEL, E.. Lesbian feminisms: Historical and present possibilities. **Feminism & Psychology**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 198-204, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0959353510370178>. Acesso em: 29 jun. 2024.

ESCUADERO-ALÍAS, M. The institutionalization of queer theory: Where has lesbian criticism gone?. **Journal of Lesbian Studies**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 253-268, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10894160.2021.2003515>. Acesso em: 6 jul. 2024.

ESPINEIRA, K.; BOURSIER, M.-H/Sam. Transfeminism: Something else, somewhere else. **Transgender Studies Quarterly**, [S. l.], v. 3, n. 1-2, p. 84-94, 2016. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/tsq/article-abstract/3/1-2/84/91860/TransfeminismSomething-Else-Somewhere-Else>. Acesso em: 6 jul. 2024.

GOLDBERG, A. E. (ed.). **The SAGE Encyclopedia of LGBTQ Studies**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2016.

GURGEL, T. Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. *In: Fazendo Gênero*, 9, 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...] Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <https://www.mulheresprogressistas.org/AudioVideo/FEMINISMO%20E%20LUTA%20DE%20CLASSE.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2024.

HORD, L. C. R. Specificity without identity: Articulating post-gender sexuality through the "non-binary lesbian". **Sexualities**, [S. l.], v. 25, n. 5-6, p. 615-637. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1363460720981564>. Acesso em: 3 jul. 2024.

HUFFER, L. Introduction: Claiming a Queer Feminism. *In: Are the Lips a Grave?: A Queer Feminist on the Ethics of Sex*. Nova York: Columbia University Press, 2013. p. 1-26.

JAGGAR, A. M. Feminism as Political Philosophy. *In: Feminist Politics and Human Nature*. Totowa: Rowman & Allanheld, 1983. p. 3-14.

JAGOSE, A. Feminism's Queer Theory. **Feminism & Psychology**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 157-174, 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0959353509102152>. Acesso em: 10 jun. 2024.

JAGOSE, A. Lesbian Feminism. *In: Queer Theory: An Introduction*. Malásia: Melbourne University Press, 1996. p. 44-57.

JEFFREYS, S. **Unpacking Queer Politics: A Lesbian Feminist Perspective**. Cambridge: Polity Press, 2003.

KOYAMA, E. The Transfeminist Manifesto. *In: DICKER, Rory; PIEPMEIER, Alison (org.). Catching a Wave: Reclaiming Feminism for the 21st Century*. Boston: Northeastern University Press, 2003. p. 244-259.

LORDE, A. **Sister Outsider**. Berkeley: Crossing Press, 2007.

MARINUCCI, M. Notes Toward a Queer Feminism. *In: Feminism is Queer: The intimate connection between queer and feminist theory*. Londres: Zed Books, 2010. p. 105-114.

MCBEAN, S. Queer Feminism. *In: COOKE, Jennifer (ed.). The New Feminist Literary Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 129-154

MCCANN, H.; MONAGHAN, W. **Queer Theory Now: From Foundations to Futures**. Londres: Red Globe Press, 2020.

MISHALI, Y. Feminine trouble: The removal of femininity from feminist/lesbian/queer esthetics, imagery, and conceptualization. **Women's Studies International Forum**, [S. l.], v. 14, p. 55-68, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277539513001581>. Acesso em: 3 jul. 2024.

MUNFORD, R. Postmodern Theory. *In*: HEYWOOD, Leslie L. **The Women's Movement Today**: An Encyclopaedia of Third-Wave Feminism. Westport: Greenwood Press, 2006. v. 1. p. 257-258.

MUNRO, E. Feminism: a Fourth Wave?. **Political Insight**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 22-25, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/2041-9066.12021>. Acesso em: 3 jul. 2024.

PASSOS, M. C. A.; SIMAKAWA, V. V. A transfeminist enunciation locus in Latin America: geopolitical issues for a decolonial project from the world's south. **Global Public Health**, [S. l.], v. 7, n. 10, p. 2415-2427, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/ref/10.1080/17441692.2022.2062027>. Acesso em: 6 jul. 2024.

PEARCE, R; ERIKAINEN, S; VINCENT, B. TERF wars: An introduction. **The Sociological Review**, [S. l.], v. 68, n. 4, p. 677-698, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0038026120934713>. Acesso em: 3 jul. 2024.

PELÚCIO, L. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Florestan**, [S. l.], n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/63>. Acesso em: 13 mai. 2024.

RADICALESBIANS. **The Woman Identified Woman**, Pittsburgh, 1970. Disponível em: <https://repository.duke.edu/dc/wlmpc/wlmms01011>. Acesso em: 10 jun. 2024.

RICH, A. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, [S. l.], v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980. Disponível em: <https://transasdocorpo.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Compulsory-heterosexuality-and-lesbian-existence-2.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2024.

ROSENBERG, T. Locally Queer: A Note on the Feminist Genealogy of Queer Theory. **Graduate Journal of Social Science**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 5-18, 2008. Disponível em: <https://www.gjss.org/sites/default/files/issues/chapters/papers/Journal-05-02--01-Rosenberg.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2024.

RUBIN, G. S. **Thinking Sex**: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. *In*: PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. **Culture, Society and Sexuality: a reader**. 2. ed. Oxon: Routledge, 2006. p. 150-187.

RUDY, K. Radical Feminism, Lesbian Separatism, and Queer Theory. **Feminist Studies**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 190-222, 2001. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/3178457?mag=annotations-the-combahee-river-collective-statement#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 10 jun. 2024.

SANTOS, A. C. Estudos queer: Identidades, contextos e acção colectiva. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S. l.], n. 76, p. 3-15, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/813>. Acesso em: 20 mai. 2024.

SCHNEIDER, B. E.; PHAM, J. M. The turn toward socialist, radical, and lesbian feminisms. *In*: MCCAMMON, Holly J.; TAYLOR, V.; REGER, J.; EINWOHNER, R. L. **The Oxford Handbook of U.S. Women's Social Movement Activism**. Nova York: Oxford University Press, 2017. p. 89-108.

SEDGWICK, E. K. **Epistemology of the Closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.

SEDGWICK, E. K. Queer and Now. *In*: **Tendencies**. Londres: Routledge, 2005. p. 1-19.

SEIDMAN, S. Critique of compulsory heterosexuality. *In*: DEAN, James Joseph; FISCHER, Nancy L. (ed.). **Routledge International Handbook of Heterosexualities Studies**. Abingdon: Routledge, 2020. p. 75-88.

SIEGEL, D. **Sisterhood, Interrupted**: from Radical Women to Grrrls Gone Wild. Nova York: Palgrave Macmillan, 2007.

SNYDER, R. C. What Is Third-Wave Feminism? A New Directions Essay. **Signs**, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 175-196, 2008. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/588436>. Acesso em: 3 jul. 2024.

SPIVAK, G. Subaltern Studies: Deconstructing Historiography. *In*: **In Other Worlds**: Essays in cultural politics. Abingdon: Routledge, 1998. p. 270-304.

WALTERS, S. D. From Here to Queer: Radical Feminism, Postmodernism, and the Lesbian Menace. *In*: MORLAND, Iain; WILLOX, Annabelle (eds.). **Queer Theory**. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2005.

WEED, E. Introduction. *In*: **Feminism meets queer theory**. Bloomington: Indiana University Press, 1997. p. VII-XIV.

WIEGMAN, R. The times we're in: Queer feminist criticism and the reparative 'turn'. **Feminist Theory**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 4-25, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464700113513081a>. Acesso em: 5 jul. 2024.